

F. J. Hora

**A FLOR DO MARACUJÁ
E OUTROS CONTOS**

1ª edição

**Japaratuba SE
JHS Publicações
2017**



F. J. Hora

**E
Outros
Contos**

A Flor do Maracujá

H811a

Hora, Flávio de Jesus

A Flor do Maracujá e Outros Contos/ Flávio de Jesus Hora. – Japaratinga: JHS Publicações, 2017.

90 p.

1. Ficção e Contos Brasileiros I. Título.

CDD B869.3

Copyright, 2017 © F. J. Hora

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio e para qualquer fim, sem a autorização prévia, por escrito do autor.

Obra protegida pela Lei de Direitos Autorais.

ÍNDICE

	A Nossa Casa	33
	A Bodega	34
Introdução	A Flor do Maracujá I	35
Beber Sem Pagar e se Reclamar Cai na Pancada	A Casa de Farinha	36
	Vamos Pro Riacho?	38
Se Você não Confia, Imagine Eu	Os Cafezeiros	40
	A Sexta-Feira da Paixão	41
Vamos Embora Daqui Nestan- te	A Novena de Santo Antônio	43
	A Banda de Pifanos	45
Depois eu pago	Desejo Louco	46
De Orgulho ao Gorgulho	Sandro	47
De Conta em Conta A Gente se Apronta	Chamando a Atenção	48
	Lembrança da Praia	50
Desse Arroz Eu Não Como	Seios Ardentes	51
De Tanto Olhar Quero Ver Quebrar	Lançamento de Livro	53
	A Morena Safada	55
Meu Filho Não Mente Pra Mim 20	O Advento do Whatsapp	57
	O Amor Verdadeiro	59
A Flor do Maracujá	As Ninfas do Riacho	61
Dos idos anos 90	Aléxia	63
O Menino Novo	O Sonho Molhado	65
O dia na Roça	De Quatro nas Bananeiras	68
A Pocilga Velha	A Menarca	70
O Casamento da Tia		
O Batizado do Meu Irmão		

O Conselheiro Amoroso	73
O Efêmero e o Eterno	74
Kevin	75
A Vizinha	76
A Psicóloga	77
O Amigo Roger	78
A Amiga Virtual	79
As Visitas de Kelly	80
Os Filmes Pornô	81
O Trabalho Escolar	82
A Menina Dissimulada	84
O Jogo de Baralho	86
Os Primos	87
Considerações Finais	88
Sobre o Autor	89

AGRADEÇO ao bom Deus, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela graça de poder escrever e publicar estes textos.

Agradeço também ao meu pai Jailson da Hora Santos pelas lições de vida e à minha mãe Maria Pereira pelo apoio. Vocês são minhas referências morais e exemplos de verdadeira educação.

Agradeço aos fãs, amigos e familiares que prestigiaram o nosso trabalho.

DEDICO esta obra às novas gerações, que terão o prazer de viajar nesses textos, ora saudoso, ora atual e provocante.

QUANTO À OBRA, é um retrato da infância dos “idos anos 90” e das novidades dos modernos anos 2000 e sua efervescência tecnológica.

CONTOS, como vês, não são poesias como é de costume o leitor perceber na maioria das minhas obras. São textos trabalhados a mais de dois anos, sendo escritos em momentos raros de inspiração e reminiscências conforme a musa vai confessando essa sua necessidade de expor em prosa algumas lições.

Desejo a todos uma boa leitura!

Introdução

No Brasil, especialmente nas regiões pobres não só economicamente, mas fracas de conhecimento e cultura temos a figura do bodegueiro, aquele comerciante que tem uma “venda” como alternativa ao vocábulo que designa um pequeno estabelecimento onde se faz o meio termo entre o bar e a mercearia.

O fato é que a bodega é discriminada, mas, é o que sustenta a economia e a renda de localidades periféricas e precárias, elevando a fama dos mercadinhos e supermercados. Por mais que a modernidade deu personalidade jurídica e um título de estabelecimento, a bodega ainda é um baluarte da nossa cultura de massa.

Não tão longes da nossa lembrança, temos o famoso caderno do fiado, que guarda nomes e pessoas do nosso povo. É uma escritura da sociedade dos subúrbios e cidadeszinhas que impressionam pela sua carência de recursos intelectuais e de pessoas com conhecimento filosófico e cidadão.

Paralelo à essas estórias, temos a FLOR DO MARACUJÁ, um punhado poético das nossas vidas desde a infância até a juventude. Contos sobre a descoberta do sexo, do amor e as diferenças.

São narrativas sobre as novidades do mundo anterior à revolução tecnológica em contraste com as novas ferramentas tecnológicas e as redes sociais.

BEBER SEM PAGAR E, SE RECLAMAR, CAI NA PANCADA!

Dizem que quem avisa amigo é! E essa bodega era na zona rural. Ora, chegou-lhe um vizinho e comentou algo de interessante sobre o que ouvira em outro bar da localidade:

— Tá vindo aí um pessoal pra beber na sua bodega (e bar), não vão pagar, e se você achar ruim apanha!

Espiem só que parada! E toda aquela rapaziada eram amigos de infância e do lugar. E chegaram disparados a cavalo, e, já fazendo alvoroço. E pediram uma corrida (doses de bebida para todos). Ao fim da primeira, um dos bebedores coçou a cabeça, e, como se procurasse motivo pra confusão, exclamou ao bodegueiro:

— Rapaz, fiz uma da peste agora! — O homem era muito esperto!

Nesse momento, o dono da venda quis saber o que estava acontecendo, já precavido de que podia arrumar encrenca sendo inocente.

— Diga o que está acontecendo! — Falou o bodegueiro.

— Mandei você botar a bebida e tô aqui sem nenhum conto! — Disse um deles.

Ora, bem sabia o bodegueiro que o bebedor em questão era seu freguês de alimentos, e, como, bebidas, era só à dinheiro, propôs-lhe uma solução: